

“DISCERNIR”...

pensando em revitalização

*Texto de apoio ao processo
da evangelização juvenil na América Latina*

Após termos navegado, de muitas formas, na realidade juvenil latino-americana, muitas dores e muitos risos devem ter passado pelo nosso coração. Não há dúvida: os sofrimentos são muitos. Tantos que, até, são necessárias campanhas nacionais que enfrentem o extermínio e a violência contra a juventude... Um atestado muito triste para uma sociedade que, irresponsavelmente, não se comporta como alguém que está convidado a ser um referencial para as gerações que sonham encontrar sentido, justiça e alegria de viver! Neste barco com que visitamos as milhares de realidades juvenis não encontramos, contudo, somente dor. Percebemos que, apesar de tudo, são as juventudes que vestem de alegria o nosso continente e, também, as nossas igrejas. Isso não é um engano nem um engodo. Isso não é adulação. A juventude, na sua pura forma de ser, sempre será uma prova de que a humanidade não é chamada para a morte, mas para a vida e, por isso, ela não deixa de gritar, em todos os cantos, que “a juventude quer viver”.

O que vimos e ouvimos (1 João 1,1-4)

Toca-nos, neste momento, “discernir” sobre o que conseguimos captar em nossas pequenas, mas sinceras navegações, sabendo que o “mar da juventude” é bem mais amplo do que o que conseguimos vislumbrar. Tanto no sofrimento como na esperança. A pergunta que precisamos fazer-nos é sobre os “discursos” que este segmento da sociedade faz nas diferentes realidades. Percebemos e sabemos que os “gritos” dos quais nos aproximamos muitas vezes são silenciados, de diferentes formas, pelos mais variados segmentos da sociedade, inclusive pelas nossas igrejas que, apesar disso, não deixamos de amar. Esses “discursos” estão na rua, na família, nas aparentes omissões, nas resistências que manifestam, nas preferências pelas músicas, nos modos de vestir e comportar-se, nos modos de mostrar sua afetividade, nos modos de viverem em grupos, nas relações que cultivam, nos medos que expressam, nas pichações nos lugares mais inesperados, nas respostas que vão dando às pesquisas que se fazem, na maneira como encaram a religião, a economia, a política, nas organizações das quais participam e tantos outros. Qual o conteúdo dessa babel de manifestações? Qual o “discurso” que eles fazem nestes fatos ou nestas atitudes?

Honradez com a realidade

Podemos dizer que estamos sendo convidados/as para uma honradez não só com a verdade, mas com a própria realidade juvenil. Podem ajudar-nos, neste contexto, comentários e reflexões que o teólogo Jon Sobrino faz a partir do terremoto de El

Salvador, em 2001¹. Ele fala do “deixar a realidade falar” e recorda seu colega Karl Rahner dizendo que “a realidade quer tomar a palavra”. “Se a palavra se fez realidade (carne, sarx), a realidade quer fazer-se palavra”, quer fazer-se “discurso”. “Chegar a ser humano”, diz Sobrino, “é dar voz e palavra à realidade, quando esta é silenciada e oprimida, e colaborar com sua balbúcia para que se transforme em palavra clara”². É nossa tarefa, neste momento, visando o anúncio da boa nova para a juventude.

Discernir é perceber claramente; é distinguir; é diferenciar; é compreender; é formar juízo; é apreciar; é julgar; é avaliar; é identificar com conhecimento de causa; é capacidade de compreender situações...

Percepção

O apóstolo Paulo, em 1 Cor 12 diz que “cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos” (1 Cor 12,7). Ele fala, por isso, da “palavra da sabedoria”; da “palavra da ciência”; do “dom das curas”; do “poder de fazer milagres”; da “profecia”; do “dom de falar em línguas”; do “dom de interpretá-las” e, também, do “discernimento dos espíritos” (1 Cor 12, 7-10). Sem deixar de lado nem a sabedoria nem a ciência nem a profecia e nenhum outro aspecto da riqueza do Espírito, precisamos discernir sobre os “discursos” que a juventude latino-americana faz. O mesmo apóstolo Paulo, na carta aos moradores da cidade de Éfeso, depois de dizer que supõe (da parte deles) “o modo como a graça de Deus me foi confiada em benefício de vocês”, afirma que “vocês poderão entender a percepção que eu tenho do mistério de Cristo” (Ef 3,2-4). O apóstolo nos recorda algo muito importante, isto é, que além de a realidade “emergir” de diferentes formas, ela precisa ser “percebida”, isto é, compreendida por meio dos sentidos, por elaboração mental, por intuição, por leitura e por estudo. Não basta “ver”; é preciso “perceber”.

Discernir é uma graça

Não afirmamos demais se dissermos que “discernir”, além de “estudar” e “ser curioso” é uma graça que jovens e adultos precisamos pedir. No primeiro livro dos Reis (cap. 3) lemos a história de Salomão que, como jovem, mesmo oferecendo sacrifícios e incensos nos lugares altos (I Reis 3, 3), teve um sonho onde lhe aparecia Javé. Era um sonho de alguém que encarnava o anseio do povo em ter uma autoridade realmente capaz de discernir e realizar a justiça. Salomão, neste encontro, não pede a Deus nem vida longa, nem riquezas, nem a morte dos inimigos, mas diz: “Eu sou bem jovem e não sei como governar. O teu servo se encontra no meio do teu povo que escolheste, povo numeroso que não se pode contar nem calcular, de tão grande que é. *Ensina-me a ouvir, para que eu saiba discernir entre o bem e o mal*” (1 Reis, 3, 7-9). Pensando em revitalizar a evangelização da juventude não queremos e não podemos ser pequenos. Precisamos ser como o jovem Salomão. O “povo numeroso”, de Salomão, não pode deixar de estar frente às graças que pedimos ao Deus da Juventude, pensando em América Latina.

¹ SOBRINO, Jon. “Onde está Deus?”. São Leopoldo, Editora Sinodal, 2007.

² Idem, p. 78.

Pano novo em roupa velha

No livro de Esdras, na Bíblia, aliás, lê-se outra história interessante. O povo judeu voltava do exílio e se pusera a reconstruir, pelo ano 536 antes de Cristo, o templo que havia sido destruído. No dia da inauguração do novo templo, lá estavam os velhos que haviam conhecido o templo antigo e os mais recentes que estavam contentes, todos vibrantes pelo templo que haviam construído. Ao lado dos gritos de alegria de uns, contudo, os velhos ficavam chorando, alto. Como diz o livro de Esdras, “no meio do povo ninguém conhecida distinguir entre os gritos de alegria e o clamor do choro, porque o povo vibrava em alvoroço, e de longe se ouvia o rumor’ (Esdras 3, 10-13). Na revitalização da evangelização juvenil devem encontrar-se o novo e o antigo, tendo consciência que o passado e o presente é que são a semente do futuro.

Jonas despeitado

E também tem a história de Jonas, atirado no mar revoltado, preso no ventre da baleia durante três dias e três noites porque queria fugir da missão de pregar em Nínive. Todos sabemos dessa história. Vomitado em terra firme, retomou sua missão que começava a dar resultados tão positivos que Jonas não esperava e ficou despeitado. Retirou-se, ficou numa cabana retirada e sentou-se na sombra de um mamoeiro, esperando para ver o que acontecia. Até o mamoeiro, para alívio de Jonas, começava dar fruto, mas secou... Javé se apresenta, então, a Jonas e diz-lhe severamente: “E eu, será que não vou ter pena de Nínive, esta cidade enorme, onde moram mais de 120 mil pessoas, que não sabem distinguir a direita da esquerda, além de tantos animais?” (Jonas 3-4,11). Mesmo metidos na evangelização com a energia que temos, não escapamos dessas “horas de despeito”, olhando para a multidão de jovens como quem deixou de “esperar”. Faltava para Jonas o encantamento. “Discernir” sobre a realidade juvenil exige encantamento.

No tempo de Jesus, os fariseus e saduceus pediam-lhe um sinal do céu. E Jesus lhes disse o que precisamos ter presente em nossa caminhada: “Olhando o céu, vocês sabem prever o tempo, mas não são capazes de interpretar os sinais dos tempos” (Mt 16, 1-3). O mesmo pode ser lido em Lc 12, 54-57. Quais os “sinais” que a juventude nos lança? Mas, além disso, precisamos saber que discernir como Deus quer e como a juventude sonha, é uma graça.

Olhando novamente, pois, a realidade juvenil que encontramos e escutando, de novo, os “discursos” que a juventude faz o que poderíamos dizer? Mesmo que estejamos diante de um mistério (ou a juventude não é um mistério?), precisamos balbuciar palavras que achamos importantes.

É preciso re-encantar-nos

A primeira palavra que surge, no meio de muitos destroços, escondendo esperanças, é ENCANTO. A juventude quer ser encantada e encantar. “Encanto” é o que agrada, atrai, deslumbra por suas qualidades... Mesmo sabendo que os três medos da juventude se encaixam no medo de morrer, no medo de sobrar e no medo de estar desconectado, todos – sociedade, igrejas e a própria juventude – não daremos frutos de evangelização se não estivermos encantados por aquilo que podemos chamar de realidade juvenil. Quem falou isso, com sua paciência e com seu corpo devorado pelo fogo, foi Dom José

Mauro Bastos quando se paria o primeiro discurso do episcopado brasileiro sobre evangelização juvenil, em 2006. O “encanto” é algo gratuito, mas também se alimenta de estudos, de curiosidades, de presenças, de leituras, de pesquisas. O “encanto” pode transformar-se, até, em “causa”. As piores situações, com mortes, opressões, desprezos, explorações não têm o direito de roubar-nos o encanto pela juventude e, muito menos, o direito da juventude de olhar a vida com encanto. Não é que a juventude somente queira ser “admirada” porque se sente “usada”, mas porque a auto-estima é um dos sentimentos que tem mais carga divina. A baixa auto-estima, provocada pelas mais diferentes situações, é um dos primeiros inimigos que precisamos ajudar a exorcizar do meio juvenil. Ser encantado pela juventude é estar encantado por nós mesmos/as, amados/as por Deus. Nada mais importante, por isso, do que “experiências de juventude” que sejam “experiências de Deus”.

Um novo traje de leitura

Vestida de “encanto” também deve ser uma nova leitura da realidade juvenil. Estamos acostumados a dizer – com toda a verdade – que a juventude é uma realidade biológica, cultural, social, política, jurídica, antropológica, mas precisamos começar a amadurecer a visão da juventude como realidade teológica, que o episcopado brasileiro oficializou no documento “*Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas Pastorais*”³ e que precisamos fazer parte do discurso da Igreja, não só latino-americana. Lermos, descobrirmos e sistematizarmos as “sementes ocultas do Verbo” na juventude. A revitalização da evangelização juvenil depende, em grande parte, na forma como olharmos e lermos a realidade juvenil. Entre os diversos paradigmas, o paradigma da construção da autonomia deve ser um marco inquestionável. É por ali que se fundamenta aquilo que outros chamam de “empoderamento” e nós de “protagonismo juvenil”.

Se a palavra “encanto” pode parecer algo romântico e poético (e ela o é), ela, contudo, se baseia numa atitude que revela a interioridade de Jesus de Nazaré. Uma das facetas de Cristo é a atitude de “esperar”. De todas as pessoas, até de Judas, ele “esperava” uma mudança de atitude. Todas as grandes figuras da humanidade, aliás, são pessoas que “esperam”, isto é, vivem de “esperança”. Quem não vive de encantos, não encanta ninguém. Nada mais trágico do que olhar o mundo, a história e, também, a juventude como algo que “não tem jeito”.

O grupo, lugar da felicidade do/a jovem

Se este é o primeiro discurso que a realidade juvenil nos leva a “discernir”, o segundo refere-se a algo que não escuta quem não tiver “ouvidos para ouvir”. Queremos referir-nos à vivência grupal. É cegueira indesculpável e surdez pecaminosa não perceber que, apesar de todos os progressos da comunicação, a juventude deseja vivência grupal. Basta olhar ao nosso redor. “Vivência grupal” é mais ampla do que a vivências de grupos de igrejas. Está em jogo certo “grupalismo” que, em todos os seus limites, é uma fome do coletivo e do comunitário. Comprova-se diariamente que o grupo é o lugar da felicidade do jovem. Se quisermos uma revitalização da evangelização juvenil, temos que respeitar e investir nesse grito da juventude que é muito mais do que um grito igrejaireiro. Ser ou pertencer a um grupo é encontrar uma outra “família”, é sair de certos

³ Brasília. “Publicações da CNBB” (3), 2007, p. 40-41, n° 80 e 81.

“muros”, de certos “limites”. O jovem é um ser que vive a epopéia do êxodo, da saída dos Egípcios da dependência e descobre, dentro dele, a vocação de sair de si mesmo e ser “missionário”, ser dos outros/as no sentido mais profundo da palavra. Ela, a juventude, vive isso numa concretude tão evidente que por vezes nem sabemos entender. Entra nisso o afetivo, o social, o político e o econômico. Quem deixou de acreditar no coletivo, talvez, foram os “adultos”.

O sonho de ser cidadão

Ninguém pode negar que o jovem sonha ser um “cidadão”. Um cidadão autônomo, com trabalho, com estudo, com direito ao lazer, respeitado, com vontade de construir comunidade, ser feliz na cordialidade. Temos certeza que estes gritos foram ouvidos em todas as esquinas. Quando falamos de “formação integral” é nisso que pensamos, saindo dos espaços sacristíacos. A juventude percebe quando não chegamos às diversas dimensões que fervilham nele; talvez até “não goste”, mas sabe que a vida plena anda por estas trilhas que não deixam de significar, igualmente, superações, resistências – ao lado das sensações de liberdade que não se explicam. Não podemos negar que as “cebolas do Egito” até podem despertar convites para acomodações. Como é importante trabalhar a personalização, o processo de integração, o processo teológico-espiritual, o processo de participação e conscientização, o processo metodológico... Nem sempre nos damos conta dos desejos que borbulham em nós, com vontade de serem reais. Descobrimos, também, na pedagogia, que não basta, simplesmente, ter trabalho, ter chance de estudar, ter momentos de lazer, ser família se, tudo isso, não forem eixos integradores. Referimo-nos especificamente a eixos integradores não somente na dimensão pessoal, mas no social. Fala-se, por exemplo, de uma formação “integral” quando esta formação consegue realizar um trabalho construtivo em todos os aspectos da pessoa: personalização, socialização, capacitação técnica etc. Um “eixo integrador” é uma realidade que possibilita a pessoa – em nosso caso, o jovem – a “integrar-se”, isto é, a “completar-se”, a “inteirar-se” como indivíduo e como ser social. A constituição de uma família faz a pessoa “integrar-se” na vida da sociedade, com responsabilidades e direitos definidos. O “eixo integrador” não é integrador automaticamente; ele o é quando responde a certas condições. Não basta, por isso, “casar” para viver e ser uma família “integrada”, mas a família, como tal, oferece condições de ser um eixo integrador no sentido social e pessoal. Considerando importante a família, o jovem intui que ela (a família) deveria ter condições de ser “integradora”, respondendo a certas exigências. Uma das “condições” de todos os eixos integradores é que o eixo exige “relações sociais”. A família não pode ficar nela mesma, mas coexistir com outras famílias através de organizações e programas comuns tornando-se um “organismo da sociedade civil”. Ultrapassa-se o meramente individual para tomar feições coletivas.

Não floresce protagonismo sem organização

Todo jovem experimenta uma alegria muito especial quando vive realizações de forma organizada. Dedicar-se a isso com uma generosidade indescritível. “Fazer”, “realizar”, “aparecer”, “conseguir coletivamente” não deixa de ser um sonho. Todos – também a juventude – ficamos alerta quando isso não acontece. É que uma das grandes “energias” que brota na juventude é o “poder”. As ciências falam do empoderamento juvenil. Esses “empoderamentos” sempre existiram, mas – por serem questionadores ou desviantes da “ordem social” – não aparecem na história. Na América Latina precisam ser recordados o “cordobazo” (Argentina), o “bogotazo” (Colômbia), a Universidade Popular de El

Alto (Bolívia), as mortes da Praça de Tlatelolco (México), a “marcha dos 100 mil” (Brasil), a juventude sandinista (Nicarágua), o envolvimento juvenil no “Sendero Luminoso” (Peru), nas guerrilhas de libertação em El Salvador, Uruguai, Panamá e tantos outros (sem falar das movimentações religiosas nem do papel que a juventude teve em nossa “pré-história”, seja dos aztecas, dos incas, dos mapuches, dos guaranis, dos charruas e tantos outros). A tudo isso e muito mais se refere à tristeza que a juventude sente quando não pode “manifestar-se” ou são manipulados quando lutam por direitos que lhe competem. Os exemplos, dentro e fora das igrejas, são muitos. É que “a organização é um instrumento importante para a evangelização dos jovens”, “garante a eficácia dos projetos de formação”. “Sem organização os grupos se fecham numa visão limitada e superficial”⁴. Na revitalização da evangelização juvenil a organização é uma exigência pedagógica que nasce do coração do próprio jovem. Dificultar essa necessidade ou esse direito é não colaborar com a felicidade juvenil.

Embora um, somos muitos

Uma outra riqueza que aparece no auscultar da realidade é a grande variedade de jovens que têm direito a serem atendidos em suas diferentes especificidades. É um “discurso” que, inclusive, tem dificuldade em ser proferido. Embora todos sejamos uma só juventude, esta juventude se torna mais significativa quando assume suas diversas identidades sociais, culturais e econômicas. Existem as juventudes afro-americanas, as juventudes estudantis, as juventudes rurais, as juventudes indígenas, as juventudes universitárias e tantas outras, com seu espaço específico de realização. Todas elas serão mais elas quando tiverem seu “discurso” na totalidade do universo juvenil. Já existem experiências bonitas que comprovam isso, mas falta muito porque assumir a identidade pessoal na integridade e no concreto da vida é um processo que exige mística, pedagogia e acompanhamento. Além disso, o mundo globalizado não deixa de dificultar a vivência rica do diferente. A revitalização da evangelização juvenil ganhará em muito se houver abertura e criatividade para esse apelo juvenil.

Alguém com quem comer o mesmo pão

Ninguém tem mais dúvidas que um dos grandes desejos da juventude é poder contar com pessoas que comam, com ela, o mesmo pão. É um engano pensar que a juventude quer e teima em caminhar sozinha; teima e rejeita ser “controlada”, isto sim, mas sonha em poder contar com a figura conhecida como “acompanhante” ou “assessor/a”. Para perceber isso não é preciso viajar longe; basta encontrar jovens que desejam caminhar. Podemos dizer que a Bíblia nos revela um Deus Acompanhante e que uma das vocações da Igreja é de ser “acompanhante”. O “acompanhamento” é da família da “acolhida”. Nem sempre a gente se dá conta disso. No documento de Aparecida até se fala bastante de “acompanhamento”, mas uma pergunta séria vem à mente e ao coração quando os nossos pastores, falando em jovens e adolescentes, se esqueceram (se omitiram?) em falar dessa figura que a juventude tanto deseja: o/a assessor/a ou, então, a figura do acompanhante. O que teria acontecido? Pensar em juventude é pensar, também, em acompanhamento. O documento dos bispos do Brasil, contudo, falam desse assunto com muito carinho. Muito difícil haver uma boa evangelização da juventude sem esta figura.

⁴ Veja “Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas Pastorais”, o. cit. p. 72-73, nº 187-190.

Pensando em revitalização da evangelização juvenil é um assunto que não pode faltar mesmo que isso signifique investimento de recursos humanos e materiais, mesmo que isso signifique investimento em espaços de apoio nas paróquias, dioceses, regionais e em muitos lugares. O “acompanhamento” pode significar presença, espaço, estudo, formação, organização, institutos de formação. Algo a ser pensado e realizado por adultos e jovens caminhando juntos. Não há revitalização no puro espontaneísmo, mesmo vestido da mais santa boa vontade. A juventude sonha com “neotéfilos”, isto é, amantes da juventude, carregando em seu modo de ser o traje dos “acólitos” da juventude, isto é, de pessoas com vontade inteligente de servir.

Sem nunca concluir

Os elementos que apontamos situam-se no campo do “discernir”. A felicidade do jovem sentir-se-á agredida se faltarem os elementos que tentamos sugerir. Para isso entrar em nossa proposta de revitalização da evangelização juvenil, além de “discernir” vai exigir uma outra atitude: a de adesão. Discurso sem adesão é discurso balofo. Quem quiser renovar-se precisa estar disposto a “converter-se”, isto é, a viver uma “metánoia”, uma mudança de pensamento e de atitude. A juventude espera de todos nós pessoas em contínuo processo de conversão. A conversão para a juventude vai impulsionar uma conversão para Deus, que é o que importa. A revitalização se tornará real se ela se transformar numa causa que não tem tempo nem lugar porque é para sempre. Se não estivermos dispostos a viver isso, façamos outra coisa mas não queiramos falar em revitalização da evangelização juvenil.

P. Hilário Dick S.J.

convencido de que se leva muito tempo para ser jovem